

“Soberania é autoconfiança” ¹⁴

Fernando Henrique está seguro de que a Venezuela encontrará seu caminho

por Maria Helena Tachinardi
de Caracas

O presidente Fernando Henrique Cardoso confessou ontem que no dia 10 de julho do ano passado já sabia que iria vencer as eleições.

Num discurso de improviso ao final do almoço em que foi homenageado pela Fedecamaras, entidade que reúne empresários de doze setores da economia venezuelana, Fernando Henrique contou que percebeu sinais de vitória quando em campanha, no interior da Bahia, ouviu de um eleitor que ele sentia orgulho de ter uma moeda que valia mais do que o dólar. “Soberania é isso, é autoconfiança, é saber que se tem um dinheiro que vale. O povo voltou a confiar em si mesmo.”

Muito aplaudido pela comunidade empresarial, o presidente afirmou ainda estar “seguro de que a Venezuela também encontrará seu caminho”. Comparando as situações dos dois países disse que, aqui como lá, os povos protestam e têm atitudes negativas às vezes, mas “no fundo sabem que é necessário muito pouco para que as coisas funcionem. Isso implica crer no trabalho, não mentir, não repetir mitos. É só dizer que o rei esta nu, sem roupa. Só falta uma coisa, a autoconfiança. A função do estadista é não mentir para o povo”.

Um empresário brasileiro, que há 22 anos está na Venezuela estabelecido no ramo de autopeças, comentou que Cardoso deu “uma verdadeira lição de Estado”, ao presidente Rafael Caldera. “É preciso não mentir”, disse, explicando que o governo Caldera quando assumiu, no ano passado, apenas mudou o nome do Imposto sobre Valor Agregado (IVA), que no fundo continuou o mesmo com outro nome – imposto sobre consumo suntuário. O mesmo empresário, que preferiu

não se identificar, lembrou que há algumas travas no comércio entre os dois países, como medidas não-tarifárias que dificultam a importação de freios da Vargas e da Bendix. A Convenin, órgão correspondente à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), tem regras específicas para a importação de produtos com similar na Venezuela que implicam custos de até US\$ 20 mil. A entidade exige exames de laboratórios sobre aspectos de segurança, meio ambiente e saúde. Mas, segundo o empresário, as indústrias nacionais não passam por esse teste

e, no caso dos freios, produzem com amianto, um produto cancerígeno.

Provocado pela imprensa sobre que mensagem daria aos empresários brasileiros, o presidente disse: “Eles precisam confiar no Brasil como os venezuelanos estão percebendo de longe. É preciso que haja um espírito de competição aberta. O Brasil não precisa se fechar. Tem todas as condições para competir. O avanço não pode ser feito só pensando no Brasil, tem que pensar nos outros parceiros”.

Cardoso nega que o Brasil esteja se fechando com as medidas que adotou na

área de comércio exterior e comentou que “pelas informações que tenho recebido pela imprensa, no caso argentino está quase tudo resolvido”, referindo-se à questão das cotas para a importação de veículos. O presidente também não antecipa problemas com a Organização Mundial do Comércio (OMC) depois da edição da medida provisória estabelecendo cotas. “Podemos justificá-las em função de problemas de balança comercial”, afirmou.

O presidente da Fedecamaras, Edgard Romero Nava, salientou a importância da redução de tari-

fas de importação no comércio fronteiriço entre os dois países, medida adotada a partir de setembro de 1994, quando Caldera esteve no Brasil. As exportações do Estado de Bolívar para Roraima passaram de US\$ 40 mil para US\$ 1 milhão mensais desde setembro, justificou. Com isso, as vendas de Bolívar já atingiram US\$ 24 milhões, de um total de US\$ 60 milhões que a Venezuela exportou ao Brasil no ano passado somente de produtos não tradicionais, excluído, portanto, o petróleo. O Brasil vendeu aos venezuelanos, segundo Romero Nava, US\$ 260 milhões.

Em tom de blague, Fernando Henrique afirmou que “Roraima tem mais relações com a Venezuela do que com Brasília. O governador de Roraima, Neudo Campos, está entusiasmado com as novas relações fronteiriças e prevê um aumento de exportações de madeira, carne e móveis. “Temos 4 milhões de hectares para encher com soja. A Venezuela importa 70% dos óleos vegetais comestíveis e queremos atrair empresas paulistas com isenção de impostos.” Campos anunciou que seu estado asfaltará 369 quilômetros de estrada até o final de seu governo, enquanto o governador do Amazonas fará o mesmo. Faltam ser pavimentados 620 quilômetros de Caracará a Manaus. “Um grande passo seria uma área de livre comércio em Boa Vista, o que facilitaria as trocas, com isenção de IPI e de Imposto de Importação. O cimento em Roraima sempre foi 100% mais caro do que o preço oferecido em Manaus. Hoje o preço do cimento em Boa Vista é 7% mais barato que o de Manaus, em função da competição com o cimento venezuelano”, afirmou Campos, defendendo a integração fronteiriça.